

## NEGAFYA E JOYCE ZAU NO SLAM: GRITOS NECESSÁRIOS DE RESISTÊNCIA

Luzia Martins dos Santos Silva<sup>1</sup>

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias,  
debaixo das trouxas,  
roupagens sujas dos brancos,  
pelo caminho empoeirado rumo à favela.  
Na voz de minha filha se fará ouvir  
a ressonância o eco da vida-liberdade.  
Conceição Evaristo

*Resumo:* O presente texto traz uma reflexão a respeito da escrita de mulheres negras através da poesia Slam, tomando como base uma leitura de duas jovens poetisas: Negafya, uma brasileira e Joice Zau, uma angolana. Identificamos nas poetisas uma arte política, atenta a realidade que as cercam, tanto nas questões sociais que envolvem a todas/todos como nas realidades vividas pelos corpos femininos negros, que ainda são tratados com uma desmedida falta de cuidado, mais precisamente de forma desumana. Neste sentido, as poetisas se apresentam como vozes potentes, que nos inspiram e se torna fundamentais para ocupar espaços e marcar um território que, por vezes, se torna inacessível para essa parcela da população que ainda carrega o estigma de marginalizada.

*Palavras-chave:* Mulher negra. Produção poética. Resistência.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (PósCrítica/UNEB) — linha de pesquisa: Literatura, produção cultural e modos de vida, orientadora Profa. Dra. Edil Silva Costa, endereço eletrônico: luz-martins@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

A epígrafe nos faz pensar que por muito tempo, embora as histórias de nossas ancestrais sejam permeadas por humilhações de toda sorte, elas resistiam. E essa força que submergia debaixo de tantas barreiras chega até nossas gerações nos impulsionando a continuar nessa luta diária.

Muitas barreiras estão presentes na vida das mulheres negras, mas as histórias de resistência e reexistência se apresentam como motivação para seguirem nessa busca por ouvir os “ecos da vida liberdade”.

A escrita literária tem se apresentado como uma forma de falar e de se fazer ouvir nessa caminhada. Mesmo que ainda tenham dificuldade para que a sua forma de fala seja ouvida, as mulheres negras, estão por aí, nos mais variados espaços usando sua arte como forma de luta.

Neste texto, trago para a cena duas jovens poetisas negras: Fabiana Lima (*Negafya*) e *Joice Zau*. Ambas do Slam, mas moram em países diferentes. A primeira no Brasil, e a segunda, em Angola.

Fabiana Lima, moradora do bairro da Sussuarana, Salvador-BA, graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) tem como nome civil de guerrilheira ***NegaFya***, atua como poeta, MC, artista de rua, produtora e ativista cultural, e é idealizadora e produtora do Slam das Minas-BA, além de fazer parte do importante grupo de poesia “**Resistência Poética**”. Referindo-se a si em uma de suas redes sociais, Fabiana nos diz: “Faço da poesia marginal os gritos pretos e femininos de liberdade, resistindo na diáspora africana, enquanto ser que transforma a dor em luta”<sup>2</sup>.

Joise Isabel Zau, natural de Cabinda (Angola), atualmente, reside em Luanda, capital de Angola, é graduada em Engenharia

---

<sup>2</sup> Ver página de Negafya no Facebook, publicação feita em 1 de maio de 2018.

Eletromecânica e estudante de Letras. Tem como nome artístico *Joice Zau*. Atua como poeta, Slammer, declamadora e *artista*. Ganhou vários prêmios em batalhas do Slam, dentre eles: Campeã do Campeonato brasileiro de poesia falada (medalha e ouro); foi eleita como Ativista Artístico Africano; vice-campeã da Copa Slam América; Campeã da Copa Lusófona Feminina; além de ser Representante da América do Sul no Campeonato Mundial de Spoken Word em setembro de 2022 em Bruxelas – Bélgica. Tem produzido poemas que tratam de questões político-sociais, empoderamento feminino, dentre outros.

Essas jovens poetisas são seres que resistem e têm atuado em nossas periferias com insana sede de liberdade. Buscam desconsiderar os empecilhos que se apresentam e seguem gritando com sua “poesia falada” na qual tratam de si e dos seus, de demandas sociais e políticas. Diante disso buscaremos neste texto compreender as formas encontradas por essas mulheres que remando contra a maré, caminham na busca de estratégias que quebrem os grilhões das explorações nas quais elas estão submetidas.

A poeta Negafya nos diz que:

[...] Mulher, quanto mais melanina tiver, maior a sua dor,  
pouco se tem amor.  
Tudo isso para nós é um fator.  
E Você sabe o que é isso?"  
Claro que não  
"Você, que sempre foi feita para casar;  
enquanto eu, mulher negra, nós mulheres negras,  
servimos só para transar. Saciar o homem branco,  
homens negros que também vivem a nos maltratar"  
Mulher, um ser que resisti e é firme [...]  
(NEGAFYA, 2019)

A poeta nos fala das dificuldades vividas pelas mulheres negras ainda hoje, resquício da era colonial, na qual a mulher negra era vista como objeto sendo preterida em relação a mulher branca. No entanto, nos diz: “Mulher, um ser que resisti e é firme”. É sobre

a força das mulheres negras que quero provocar uma breve discussão nesse texto. Sobre essas mulheres que tiveram as suas vidas pautadas em lutas diárias. As lutas que foram travadas desde o período colonial, mas que perduram até os dias atuais. Ainda hoje continuam o estigma de apenas serem capazes de desenvolver o trabalho braçal, de serem vistas como exóticas, sensuais e usadas apenas para o prazer sexual. Isso retira de nós (mulheres negras) a possibilidade de sermos vistas em outras posições sociais, principalmente como produtoras de saberes, de artes e de escritas literárias.

## **GRITOS DE RESISTÊNCIA**

A poesia Slam que é conhecida como “poesia falada” tem sido um meio utilizado por muitas mulheres como forma de trazer seu pensamento acerca do mundo, expor suas dores e trazer uma forte crítica às questões político-sociais. As batalhas de Slam reúnem àquelas e àqueles que nem sempre tem espaço garantido nos lugares reservados para produção literária tida como canônica. Ao contrário como nos diz Regina Dalcastagnè: “São essas vozes, que se encontram nas margens do campo literário, essas vozes cuja legitimidade para produzir literatura é permanentemente posta em questão, que tensionam, com a sua presença, nosso entendimento do que é (ou deve ser) o texto literário”.

Nesse sentido, criar um espaço de encontro de vozes poéticas, possibilita que as múltiplas identidades se conectem em torno de outras formulações narrativas capazes de se articular no enfrentamento da realidade que a todo custo, tenta esfacerar corpos de mulheres negras insubordinados e persistentes em viver nos mais variados tempos e espaços. Para as referidas poetisas, a literatura tem se tornado mais uma possibilidade de falarem das suas histórias e memórias, seus sonhos e realizações e, também, por vezes, “[...] dos conflitos, sofrimentos e resistências resultantes das experiências de racismo e sexismo, por elas vividas ou presenciadas” (SANTIAGO, 2020, p.123).

Essas vozes nos permitem perceber que esses corpos carregam marcas que atravessaram gerações e agora buscam e

querem respostas. A sua poesia se torna um espaço de luta, na tentativa de forjar espaços, para que mais vozes sejam ouvidas, porque, cotidianamente, esse é o desejo e a luta dessas mulheres. A literatura se torna para elas um lugar por onde podem falar sobre tudo como afirma Jaques Derrida:

O espaço da literatura não é somente o de uma ficção instituída, mas também o de uma instituição fictícia, a qual, em princípio, permite dizer tudo. (...) mas dizer tudo é também transpor [franchir] os interditos. É liberar-se [s'affranchir] - em todos os campos nos quais a lei pode se impor como lei. A lei da literatura tende, em princípio, a desafiar ou a suspender a lei. Desse modo, ela permite pensar a essência da lei na experiência do “tudo por dizer”. É uma instituição que tende a extrapolar [déborder] a instituição (DERRIDA, 2014, p. 49).

Entendemos que a poesia tanto de Negafya quanto a de Joice Zau caminha neste sentido, pois seus textos tratam de racismo, sexismo, das questões sociais, políticas e econômicas, enfim, buscam trazer para a cena as demandas que afetam diretamente as suas vidas e as dos seus. Estas mulheres, que a princípio poderiam ser vistas como sem vozes, mas que “[...] mesmo diante dos limites impostos, suas vozes dissonantes têm conseguido produzir ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica” (RIBEIRO, 2019, p.86).

Pensar na produção da poesia é entender a necessidade de usar a arma do opressor, que é a palavra. E fica evidenciado que apesar de todo o mecanismo de repressão, mulheres negras têm produzido seus textos e o Slam é um meio utilizado por elas. Através da voz e do corpo, falam, e em alguns momentos até gritam. Um grito que, no passado, ultrapassou montanhas, vales, rios e oceanos, nas fugas de seus irmãos e irmãs na época da escravidão, hoje continua ecoando, nos mais diversos espaços, como: as ruas, os morros, becos e vielas, na luta, para que tenhamos vida. Negafya, a partir de sua poesia *Brasil genocida*:

Pela chacina do Cabula, nem um passo atrás  
Por Davi Fiuza nem um passo atrás  
Reaja ou será morto, reaja ou será morta (bis)

Reaja...  
[...]  
(NEGAFYA, 2019)

Observa que nesta poesia, Negafya nos faz uma convocação, relata relatos de situações de morte vivida em sua comunidade, para nos dizer que essa também é função da poesia. É nesse sentido é que fica evidente a necessidade do uso palavra como uma ferramenta de luta. Por isso, Audre Lorde declara: “A poesia não é um luxo. Os brancos nos disseram: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de cada um de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: Sinto, logo posso ser livre. A poesia cria a linguagem para expressar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade” (LORDE, 2019, p.47).

Isso é muito visível na poesia de Negafya. Ela sinaliza os problemas vividos e aponta as origens demonstrando que não é um problema estanque, é algo histórico.

[...]  
Porque solidão e feminicídio quem sofre de verdade são as  
mulheres como eu,  
as mulheres estereotipadas, as mulheres estereotipadas,  
com traços marcantes de negras das senzalas".  
Então fique na sua, assuma seus privilégios  
[...]  
(NEGAFYA, 2019)

Negafya utiliza o recurso da repetição para dá ênfase a sua condição de mulher negra. É uma reflexão importante porque ainda somo iludidos com a ideia de que somos todas/os iguais. E na verdade sabemos que os espaços estão demarcados em nossa sociedade e uma forma de acabarmos com isso é entendermos os lugares de privilégios do branco.

Neste sentido, fica claro que Negafya produz uma poesia de cunho político. É o que Grada Kilomba (2019), ressalta quando nos assegura que: “Escrever emerge um ato político. O poema ilustra o ato da escrita, como um ato do tornar-se e, enquanto eu escrevo,

eu me torno narradora e escritora da minha própria realidade, a autora e autoridade da minha própria história” (KILOMBA, 2019, p.28).

[...]

Pretas, preteridas, feminicídio, menos uma na lista -

Elem Perreira

Pretas, preteridas, feminicídio, menos uma na lista –

Claudia, arrastada

Vocês, vocês não sabem de nada

Pornografia incentivada

Crianças parindo mão de obra barata

Necropolítica para preto e pobre

Cuidado você pode ser o próximo na lista.

[...]

(NEGAFYA, 2019)

Percebemos na poesia de Negafya uma voz que luta contra as narrativas oficiais que são produzidas sobre o corpo negro. Claudia morre, porque é uma mulher negra e moradora da periferia. Isso não é o que a narrativa oficial nos apresenta. Declara ainda que não existem políticas públicas para cuidar de nossas meninas negras, ao contrário há um incentivo para que continue servindo ao grupo privilegiado da sociedade. Neste sentido, percebemos através da poesia, que ainda hoje os corpos negros são totalmente desumanizados: agressões, desrespeitos, interdição, enfim, somos imersos numa realidade tal que nos remonta ao período em que éramos apenas mercadorias.

Segundo Audre Lorde (2019), a poesia torna os nossos sonhos realizáveis, pois através deles, teremos autoridade e valentia para ver, sentir, falar e ousar sonhar. Ao ouvir as declamações de Negafya é exatamente isso que sentimos. Ela nos tira do chão, da suposta tranquilidade na qual estamos inseridas (os), nos provoca, intimida-nos, e nos convoca.

[...]

Vocês, vocês não sabem de nada

Pornografia incentivada

Crianças parindo mão de obra barata

Necropolítica para preto e pobre  
Cuidado você pode ser o próximo na lista  
[...]  
(NEGAFYA, 2019)

Com uma poesia que dialoga, de forma direta, com o seu público, a autora faz denúncias, e deixa evidente que estamos em estado de guerra. De fato, nunca se matou tanto o nosso povo: Jovem negro morto por segurança em grande rede de mercado; homem negro morto com 80 tiros pelo exército; operações nas favelas deixam mais de 25 mortos; todas as balas perdidas encontram nossos jovens negros e negras nas periferias. É sobre isso que Negafya está cantando. Desse modo, através da poesia, histórias são contadas, vidas são suscitadas e junta-se força para as lutas diárias que acometem a todas nós mulheres negras.

## **A FALA COMO DISPOSITIVO POLÍTICO**

Como já foi dito, a poesia é um dispositivo político. Veja o trecho do poema “O corpo em que habito” da Joice Zau:

[...]  
O corpo em que eu habito não é um presente  
É objetificado imprudentemente  
Tornado ícone vácuo,  
Isento de palavras de luz doce sossego, apego imóveis  
Que não se perdem, que não se apavoram,  
Um corpo de olhos nus manchados de sustos  
Tornou-se ácido e de insana sede  
A sede de dilúvio, de afetos,  
levada no vento do veroz senhor  
[...]  
(ZAU, 2021)

A autora denuncia as mazelas por que passa o corpo negro. Tornado mercadoria, não tem sentimentos, não necessita de

cuidados, é exposto as mais diversas humilhações tornando-se um corpo em suspense, para esse corpo não há descanso, não há calma, ao contrário há uma luta constante que surge de “[...] situações, inquietações e vivências” (SANTIAGO, 2020, p.132).

Essas realidades desumanizantes por que passam esses corpos femininos negros tem impulsionados muitas mulheres negras à necessidade de uma escrita pulsante, movimentada por um agir micropolítico, que mobiliza resistências e desemboca um movimento do eu para si e para outros (as)” (SANTIAGO, 2020).

As poesias do Slam corroboram nesse processo de escrita quando apresentam questões ligadas as demandas que envolvem os menos favorecidos da sociedade, sendo, portanto, um espaço por onde as vozes são ecoadas. É neste contexto que Joice Zau nos apresenta como encontra na poesia um lugar de fala.

Em histórias de ancestralidade, aprendi que a oralidade  
Era característica dos nossos povos  
Rual Antuna numa das suas falas diz que a palavra contém  
um valor dinâmico e eficaz  
Um traço nuclear que faz com que homem encontre suas  
raízes e busque sua totalidade  
África sempre foi oral, mesmo com o léxico do chicote  
acariciar brutal e mortalmente as suas costas, ela resistia  
Nunca se molhou da imunidade da fala  
[...]  
(ZAU, 2021)

A partir dessa poesia percebemos a ligação da poeta com sua história ancestral, com seus pares, apontando o valor da palavra na vida do povo de África. Mas, demonstrando que a resistência do seu povo, sempre esteve vinculada à necessidade de falar. É, neste sentido, que pensamos que, mesmo diante de tantos chicotes, o nosso povo nunca se calou. A fala se dá de muitas maneiras, por vezes, sem palavras, é um corpo que fala. Vejamos como Joice Zau nos apresenta o seu corpo poético:

[...]  
O corpo que eu habito não é um presente  
É uma lição pendente

É palco de gotas gigantes  
Um corpo enviado a torto e a direito  
Multiplicando diariamente os paus da humana imundície  
Aquele que se erotiza quando apetece  
Aquele que nos deixa amadurecer e já parece  
Exposto a picadelas  
[...]  
(ZAU, 2021)

A poeta refere-se à falta de cuidado com o corpo das mulheres negras, do quanto somos expostas porque consideram que os corpos femininos negros resistem a tudo. Ainda segundo a poeta é um olhar da sexualidade, do erótico, inclusive sem respeito à maturidade esse corpo já sofre abusos, é desrespeitado. Nesse sentido, a *Slammer* continua o seu poema apontando mais uma denúncia:

[...]  
Como eco, uma fúria, o corpo que deu sangue a virtudes e  
tendências não teve voz, alma, grito nem memória  
Deu tudo de si e terminou a extrema placidez esmagada  
O corpo que serve para servir e nunca para ser servido  
O corpo que geme, que sangra, que toca, mas tudo em  
silêncio  
Pois seu silêncio quando gritam, a casa grande faz istrilos  
Um corpo adormecido nas estradas do patriarcado  
O corpo objetificado por conta dos traços que o identificam  
O corpo que foi ensinado a valorizar a calma  
Acima das suas letras de revolução  
La fora os corpos todos os dias são estrangulados e mortos  
E aqui o medo horripilante me arrepiava  
porque o corpo em que eu habito por vezes para maldição  
Não é um presente.  
(ZAU, 2021)

Percebemos que a *Slammer* aponta que a condição vivida atualmente pela mulher negra, carrega marcas do período colonial. Dentre as diversas formas de violência estava o fato de não ter

direito a fala. Ao contrário, era ensinado a se calar, não lutar e, segundo a poeta, é um medo que tem se perpetuado. Ela nos instiga a pensar que muitas mulheres, de fato, vivem coagidas, diante da realidade violenta que tem as acometido. No entanto, vale ressaltar que de diversas formas, muitas mulheres negras, como Joice Zau, têm rompido esse silêncio, e “não tem sido nem vítimas passivas, nem tampouco cúmplices voluntários/as da dominação” (KILOMBA, 2019, p.49).

No poema abaixo, Joice Zau também faz vários questionamentos, e se posiciona contra essa política que silencia e apaga toda uma história de um grande continente, e especificamente de seu país (Angola) que tem uma grande história de resistência, mas que vive uma realidade degradante que não representa seu antigo desejo por liberdade que ecoavam por toda a nação.

[...]

Se África era oral, imperativa, tenanciosa, doadora  
Seus gritos de liberdade ecoavam por toda uma nação,  
Por que nós nos tornamos tão silenciosos? de onde vem  
esses silêncios?  
Que silencio é esse? Que silencio é esse?  
Que nos faz olhar o País a se transformar em pólvora nesse  
mar de atribuições  
E nós aqui com as vozes atadas até os confins  
Que silencio é esse que deixa a cruz extremessidamente  
admirados de tanto que nos pintou em solo, em  
democracias inoperáveis e legislações tendiosas  
Que silencio é esse que faz com que Deus amontoados  
estaticamente em moldura assistam ao filme de terror rindo  
da nossa cara como se terror não fosse desaguar pra eles e  
afins  
Que se silencio é esse que diante dessa masturbante,  
incometência, aterrorizante negligência,  
Desumanizante existência, vibrante incoerência,  
nos sugue a poesia da fala reivindicativa

Milhas de sonhos engavetados devido essa porca politiquice, adultos infantilizados nos encontros da vossa demagogice

Ambientes hospitalares jorram rimas sangrentas sem lírios governativos, porque só se interessam com a vossa internacional populice

Enfiaram a moral na ganância e encham os nossos tímpanos com vossa ereta putice.

Onde enfiaram a oralidade?

Enfiaram na globalização, que engloba a alteridade dos englobalizáveis ou enfiaram na cibernética que nos cegueiam enquanto vidas são ceifadas pela fome nos becos?

Mas, que porra de silêncio é esse?

(ZAU, 2021)

A poeta, faz memória da altivez do continente Africano no processo de resistência a toda exploração sofrida, no intuito de despertar em seus conterrâneos o anseio pela luta, e questiona o presente silêncio, alegando não ser essa a herança histórica de seu povo. A seguir a poeta aponta diversas situações políticas de ataque aos direitos, à dignidade dos angolanos.

Desse modo, como uma intelectual que é, a poeta nos faz refletir sobre o nosso posicionamento diante de fatos. Na perspectiva de Santiago (2019) “Pensar é ruminar sobre si, sobre fatos e aquilo que está em volta; é inclusive apropriar-se deles para problematizá-los e (re) elaborá-los. É um trabalho contínuo e dinâmico de tecer e (des) tecer o que já está instituído, transgredindo fronteiras discursivas” (SANTIAGO, 2019, p. 57-58).

Essa tem sido uma postura adotada pelas poetisas do Slam que refletem sobre as situações diversas as quais estão envolvidas, buscando questionar, inculcar e provocar possíveis revoluções, trazendo uma escrita que deseja quebrar as amarras do poder, propondo um desacomodar-se de si e dos seus.

## ALGUMAS CONCLUSÕES

Os poemas de Negafya e Joice Zau se apresentam como vozes potentes, que se tornam referências para as mulheres negras que estão na luta da produção poética, além de nos inspirar com uma temática necessária, uma vez que traz à cena as suas individualidades, e as demandas coletivas, as quais estão envolvidas em suas comunidades de origem. Em seus poemas, elas não se ausentam de participar da luta, mas convocam a todos para juntarem-se no caminhar, para de fato, quebrar as amarras que nos impedem de ocupar os espaços que nos pertencem e que insistem em nos privar.

Sabemos que trilhar esse caminho de tornar-se escritora não é fácil, pois estamos imersos em uma política de desvalorização e silenciamento das mulheres negras. Diante disso, a produção poética de Joice Zau e Negafya se torna fundamental para ocupar espaços e marcar um território que, por vezes, se torna inacessível para essa parcela da população que ainda carrega o estigma de marginalizada.

## REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura*: Uma entrevista com Jacques Derrida. Tradução Marileide Dias Esqueda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. São Paulo: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. *Irmã Outsider*. Tradução Stephanie Borges 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NEGAFYA. *Solidão da mulher preta*. Publicado em 17 de jan. de 2019. (3m17s). Disponível em: <https://youtu.be/3c1-vp3pfz4>. Acesso em 02 jan. 2020

NEGAFYA. *Brasil genocida*. Publicado em 17 de jan. de 2019. (3m13s). Disponível em: <https://youtu.be/MnrIVfGM7BI>. Acesso em 10 fev. 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. Autoria negro-feminina no Brasil e em Moçambique: O escrever entre dobras e insurgências. *Revista Pontos de Interrogação*, Edição Especial, v. 10, n. 2, p. 121-134, jul.-dez., 2020.

SANTIAGO, Ana Rita. Intelectuais Negras: Entre a Invisibilidade e a Resistência. In:

SANTIAGO, Ana Rita, et. al (Ogrs.). *Descolonização do conhecimento no contexto afro-brasileiro*. 2.ed Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019. p. 51-62

ZAU, Joice. De onde vem esses silêncios? / O corpo que eu habito. (5m05s) Publicado em novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/UwzHUioFAdA> . Acesso em 09 fev. de 2022.